

## **CULTURA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NO BRASIL**

**Bruno De Moraes Cury**

Gestor e Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa/UNIVIÇOSA.  
brunocury@yahoo.com.br

**Camila De oliveira Barbosa**

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa/UNIVIÇOSA.  
camila\_oliveirabarbosa@hotmail.com

**Gecica De Souza Cardoso**

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa/UNIVIÇOSA.  
gecicacardoso@hotmail.com

**Paloma Aparecida Da Silva**

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Viçosa/UNIVIÇOSA.  
palomaaslv@gmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir alguns elementos que definem a cultura do psicólogo no Brasil, que pode ser entendida como a visão de mundo e estilo de vida profissional adotado por um grupo, que determina a adesão e preferência por certos modelos de atuação e referenciais teóricos, definindo suas formas de organização e representação na sociedade. Propõe, ainda, levar em consideração vários aspectos imprescindíveis à profissão, como a história e ideologia em nossa sociedade, as condições em que se dá a formação do psicólogo no Brasil, a representação social da profissão e o perfil da população que procura os cursos de psicologia. Como procedimento metodológico, foi feita uma revisão de literatura sobre o tema através de pesquisa de artigos científicos e capítulos de livros, entre os anos de 1981 e 2014. As principais conclusões a serem extraídas desse estudo, refletem sobre a importância da formação profissional no desenvolvimento das competências e habilidades, respondendo as especificidades necessárias ao exercício da profissão.

Palavras-chave: Cultura profissional; formação do psicólogo; perfil populacional; representação social.

## ABSTRACT

*This article aims to reflect some elements that define the culture of the psychologist in Brazil, which can be understood as a worldview and professional lifestyle adopted by a group, which determines the membership and preference for certain models of action and theoretical frameworks, defining their forms of organization and representation in the society. It also proposes to take into consideration various aspects essential to the profession, as history and ideology in our society, the conditions in which it gives the formation of the psychologist in Brazil, the social representation of the profession and the profile of the population seeking courses psychology. As a methodological procedure, a literature review on the subject was done through research papers and book chapters, between the years 1981 and 2014. The main conclusions to be drawn from this study, reflect on the importance of vocational training in developing skills and abilities, answering the specifics necessary for practicing the profession.*

Keywords: *Professional culture; training of psychologists; populacional profile; social representation.*

## INTRODUÇÃO

Os diversos campos profissionais e a Psicologia se configuram como espaços múltiplos, diversificados e na maioria das vezes são marcados por conflitos de diferentes ordens teóricas, técnicos, políticos e ideológicos com a necessidade de construir sua própria identidade a partir das diversidades que a distinguem. Portanto, relacionar diversidade, processo de formação, atualização permanente e necessidades que nem sempre se traduzem em demandas sociais é o maior desafio para as entidades que são responsáveis por zelar a profissão (BASTOS, GONDIM, 2010).

Uma profissão se constitui e se institucionaliza em função das demandas sociais, que procuram um saber especializado e uma adesão a conjuntos de padrões éticos fundamentais a fim de garantir qualidade de serviços a população.

Relacionar o campo de conhecimento e a demanda de serviços da sociedade faz com que as profissões, e em especial a Psicologia, necessitem lidar com dois mundos em contínua transformação, que implica uma maior exigência no processo de formação e dos sistemas de acompanhamento das ações profissionais (BASTOS, GONDIM, 2010).

Segundo Vasconcelos (1997), o profissionalismo é composto por

quatro elementos básicos, dos quais se destacam o processo de inserção histórica de cada profissão no mercado de trabalho; a formalização de um campo de saber e práticas através de legislações profissionais; a institucionalização de organizações corporativas e a cultura profissional.

A cultura profissional pode ser entendida como a visão de mundo e estilo de vida profissional adotado por um grupo profissional, que determina a adesão e preferência por certos modelos de atuação e referenciais teóricos, definindo suas formas de organização e representação na sociedade (DIMENSTEIN, 2000).

Especificamente a cultura profissional do psicólogo no Brasil, que é o assunto que nos interessa, deve ser pensada levando-se em consideração vários aspectos, entre eles a história e ideologia da profissão em nossa sociedade, as condições em que se dá a formação do psicólogo no Brasil, a representação social da profissão e o perfil da população que procura os cursos de Psicologia no Brasil. (VASCONCELOS, 1997).

## METODOLOGIA

Enquanto estratégia de análise, foi utilizada como metodologia pesquisa através de revisão bibliográfica sobre o tema. Apesar de relevante e imprescindível na formação do psicólogo, há carência bibliográfica sobre os assuntos que

envolvem cultura profissional e representação social do psicólogo, que deixa, portanto, uma lacuna de conhecimento, justificando a realização desta pesquisa. Foram achados alguns artigos e nenhum livro que trate exclusivamente a respeito dos temas em questão.

Foram encontrados, por meio de pesquisa essencialmente no banco de dados do SciELO e Google acadêmico, um artigo do ano de 1981, um de 1985, um de 1988, dois de 1989, um de 1996, um e 1997, um de 2000, um de 2001, um de 2003, um de 2004, dois de 2005, um de 2007, um de 2009, três de 2010, um de 2012.

## DESENVOLVIMENTO

### 1) HISTÓRIA E IDEOLOGIA DA PROFISSÃO EM NOSSA SOCIEDADE

A história da psicologia no Brasil possui o conceito de profissionalização com base em três principais momentos. O primeiro momento diz respeito à criação das faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, no período de 1833 a 1890 no século XIX, onde não havia sistematização do conhecimento psicológico, ou seja, a psicologia não era uma prática definida ou regulamentada. (PEREIRA, NETO 2003). No entanto, haviam pessoas interessadas em questões de temas psicológicos, principalmente os estudantes de medicina que discutiam temas psicológicos como comportamento humano, a

aplicação social da psicologia, para a Criminologia, a Psiquiatria Forense e Higiene Mental em seus trabalhos de conclusão de curso (SOARES, 2010). Nesta época não havia, portanto, a profissão de psicólogo no Brasil, sendo este período denominado pré-profissional.

O segundo momento, que é caracterizado como de profissionalização, que compreende o período de 1890 a 1975, abrange a gênese da institucionalização da prática psicológica até a regulamentação da profissão e a criação de dispositivos formais. Alguns fatos são considerados imprescindíveis e marcaram esta época, como a Reforma de Benjamim Constant (1890), que teve grande importância para o desenvolvimento da profissão no país, dando início ao processo de institucionalização da psicologia no Brasil, onde foi incorporado a disciplina de psicologia nos currículos das Escolas Normais (ANTUNES, 2012); ocorreu, também, a inauguração dos laboratórios de psicologia experimental na educação, em 1906. Em 1923, foi criado o primeiro centro brasileiro de pesquisa pura em Psicologia, denominado de Laboratório de Psicologia do Engenho de Dentro, que funcionou de 1923 a 1932, que tinha por objetivo auxiliar as atividades médicas, atender as necessidades sociais e práticas, se constituir como um núcleo de pesquisas científicas e centro de formação de psicólogos (SOARES, 2010).

Em 1930, a disciplina de psicologia tornou-se obrigatória em vários cursos, como o de Pedagogia, Filosofia e Ciências Sociais. A partir dos anos 30, a Psicologia foi ganhando cada vez mais espaço dentro das Universidades na formação de outros profissionais e, no ano de 1946, a Portaria 272, institucionalizou pela primeira vez a formação de psicólogo no Brasil, no qual o psicólogo habilitado legalmente deveria frequentar os três primeiros anos de Filosofia, Biologia, Fisiologia, Antropologia ou Estatística e fazer então os cursos especializados em Psicologia. Então com a formação dos especialistas em psicologia, iniciou-se o exercício da profissão (PEREIRA, NETO 2003).

A partir das décadas de 1940 e 1950, o psicólogo passou a atuar cada vez mais em áreas de educação e do trabalho, através do processo de industrialização que também acontecia nesta época, abriu um novo espaço de trabalho para os psicólogos, com o ajustamento de funcionários para o desempenho perfeito de tarefas, crescendo assim a demanda por recrutamento, seleção e classificação de funcionários (SOARES, 2010).

No início dos anos 1950, a Associação Brasileira de Psicotécnicos (ABP) começaram a enviar sugestões para a regulamentação da psicologia, com discussões que desencadearam o primeiro anteprojeto de lei para a profissão, enviado ao Conselho Nacional de Educação em 1953 (ESCH, JACÓ, 2001).

Em 27 de agosto de 1962, é reconhecida a profissão de psicólogo pela Lei 4119, onde é estabelecida normas para a atuação profissional e um currículo mínimo para sua formação. Os campos de atuação são a clínica, escolar-educacional e organização do trabalho. A psicologia clínica, praticada em consultórios particulares, torna-se o sonho de muitos profissionais, embora reforce a elitização da profissão e seja restrito como campo de trabalho (SOARES, 2010).

Nessa década, os compromissos da Psicologia eram vinculados com os modos de subjetivação das classes médias e alta e um forte complexo de distanciamento das classes populares no Brasil (NETO, 2004).

O terceiro momento inicia-se em 1975, quando a profissão de psicólogo passou a estar organizada e estabelecida. O Conselho Federal de Psicologia foi criado em 1971, em processo de organização foi oficializada em 1975 o primeiro Código de Ética Profissional, reformulado em 1979 e, posteriormente em 2005, sendo esta a sua última versão até o momento presente. Em 10 anos de existência, o CFP passa a atuar politicamente junto aos órgãos relacionados à Psicologia. Ao criar um Conselho Consultivo, composto por conselhos federais e representantes dos CRPs, democratiza suas relações com os psicólogos. Com as liberdades democráticas restabelecidas no país, o novo Código de Ética Profissional

de 1987, define as responsabilidades, direitos e deveres dos psicólogos de acordo com os princípios da Declaração Universal do Direitos Humanos (PEREIRA, NETO 2003).

A partir de 1989, ocorreram diversos eventos fundamentais para os novos rumos da Psicologia brasileira, como o congresso Unificado, em 1989; O I Congresso Nacional Repensando a Psicologia, em 1994 em São Paulo; II congresso Nacional de Psicologia, Os psicólogos vão mostrar a sua cara, em Belo Horizonte, em 1996, entre outras edições deste mesmo congresso. O I congresso de Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, em São Paulo em 2002, entre outros eventos de caráter importante para a consolidação da profissão no Brasil (SOARES, 2010).

A profissão de psicólogo no Brasil passou a sofrer alterações do decorrer dos anos, com um número maior de faculdades de psicologia, lançando no mercado um número crescente de profissionais, contribuindo para degradação da mão-de-obra (PEREIRA, NETO 2003).

Atualmente é possível observar uma tendência dos profissionais ao modelo hegemônico de atuação profissional, que é o modelo clínico liberal privatista, da psicoterapia individual, e principalmente com inspiração psicanalítica. Esta imagem da profissão, no entanto é a mais conhecida e valorizada pela categoria

e principalmente pelo público leigo (DIMENSTEIN, 2000).

Esta proposta trás um grande entrave para os atuais e futuros psicólogos, que não são preparados para o exercício de atividades em novas áreas que envolvem habilidades diferentes do método clínico individual, como é o caso do campo da psicologia a assistência pública à saúde, atenção a saúde mental e ao novo paradigma da desinstitucionalização e atenção psicossocial (VASCONCELOS, 2004).

## 2) CONDIÇÕES EM QUE SE DÁ A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL

A formação do psicólogo no Brasil foi marcada desde seus primórdios pela tentativa de associar o ensino à pesquisa e à prática e pelo fato de haver grandes dificuldades de infraestrutura, assim como pela falta de professores titulados em diversas regiões brasileiras. As mudanças nos currículos dos cursos de graduação tem ocorrido lentas e superficiais (BASTOS, GONDIM, 2010).

Entre os problemas relativos à formação em psicologia estão presentes: poucos professores qualificados para conduzir ensino e pesquisa; currículos desatualizados; poucas oportunidades de estágio; estágio em áreas que exigem práticas tradicionais; poucas oportunidades de práticas de intervenção psicológica durante o



curso; dificuldade de articular as diversas áreas da psicologia entre si e estabelecer interfaces com outras disciplinas de campos afins; pouca atividade de pesquisa; a produção de conhecimentos pouco vinculada ao cotidiano e à realidade dos clientes; pequeno contato entre Instituições de Ensino Superior (IES) e outras organizações; pequena e lenta incorporação de novos resultados de pesquisa ao ensino e de novas práticas; poucos artigos, textos e outros materiais para leitura técnica e científica em língua portuguesa; falta de preparo para a realização de leituras dos textos científicos; pouco acesso a materiais de áreas afins e pouca leitura; dificuldade de acesso a informações profissionais na internet; métodos tradicionais que não condizem com os objetivos de ensino; são raras as interações nas IES entre profissionais de áreas afins; uso de estratégias e meios de ensino incompatíveis com a natureza e o grau de complexidade das competências desejadas (BASTOS, GONDIM, 2010).

Existe uma grande insatisfação quanto à formação do psicólogo brasileiro, pois é vista com muitas deficiências ao que se refere na formação técnica quanto à formação epistemológico-científica (LISBOA, BARBOSA, 2009).

È observado um enorme e crescente fosso entre o que é ensinado e aprendido em nossas instituições formativas é o que Pfromm Netto (2007) chama de “estado anual da

arte no contexto internacional”, bem como uma significativa distancia entre a formação acadêmica, a realidade profissional e as demandas da sociedade.

Assim, Souza (2005) afirma que a comunidade acadêmica defende com frequência, em contraposição ao modelo, uma formação “socialmente comprometida, reflexiva, ética, generalista, pluralista, interdisciplinar e que articule o compromisso social com as condições concretas postas pelo mercado”. Mas Witter e Ferreira (2005) asseguram que, por melhor que seja o curso de graduação, “não é possível considerar que seja suficiente para formar bem o profissional para atuar em qualquer área”, daí a crescente procura por cursos de pós-graduação. Além disso, há muitos autores que alertam para o aumento excessivo, acelerado e desordenado do número de cursos de psicologia no país, o que geraria como contrapartida um sacrifício na qualidade do mesmo.

Langenbach e Negreiros (1988), fizeram uma análise consistente na trajetória percorrida pelo psicólogo durante e após a formatura. Desde o ingresso do aluno na faculdade de psicologia, a mensagem da formação complementar lhe é passada, apontando para além dos muros universitários, tornando a universidade esvaziada, porque esta passa a ser percebida como uma “efêmera passagem”, com o objetivo precípua de titulação, já que não há compromisso “real” com a

formação do estudante. Pertencer a uma organização com características corporativas remete à segurança em vários pontos: desde a obtenção de um respaldo teórico com uma abordagem já procurada por identificação; passando pelo compartilhar de angústias profissionais vividas a um nível técnico, através de supervisões; até a expectativa de reconhecimento profissional por certos pares especiais como terapeuta, supervisor, coordenador, que poderão significar encaminhamento de clientela. De tal maneira que quase não se formam grupos de estudo entre colegas, supervisão e discussões gerais, tornando-se sempre necessário a figura de um saber-poder maior que orientará os trabalhos desenvolvidos (BASTOS, GOMIDE, 1989).

Os currículos de psicologia foram elaborados com objetivo de formar profissionais com um certo nível de conhecimento genérico em temas psicológicos, com uma razoável formação metodológica e habilidade técnica para auxiliar na intervenção. Segundo Weber (1985), ao analisar o currículo mínimo, no que se refere à formação científica, afirma que não se trata de introduzir ou redefinir disciplinas ou matérias, o mais importante seria repensar a estruturação do curso de psicologia de forma que permitisse ao estudante a sua participação em um processo de construção de conhecimento em realização (BASTOS, GOMIDE, 1989).

O desenvolvimento das

competências exigidas do profissional de psicologia requer uma formação baseada na diversificação de estratégias e métodos, na criação de situações de aprendizagem que faça com que o aluno demonstre as competências norteadoras do currículo como geração de novos conhecimentos e solução de problemas (BASTOS, GONDIN, 2010).

### 3) REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PROFISSÃO

Segundo Moscovici (1981), a representação social pode ser pensada como um conjunto de ideias, explicações e afirmações que se originam na vida cotidiana, no curso de comunicações interindividuais e de relações sociais. Buscamos, então, conhecer as diferentes representações sociais ao qual o psicólogo brasileiro foi rotulado e classificado.

As representações podem ser organizadas de acordo com a cultura, classe e grupos sociais e constituem o que chamamos de senso comum. As respostas mais encontradas sobre os psicólogos são: médico de louco, profissional como outro qualquer, amigo pago, conselheiro, profissional que trabalha para a elite e usado por pessoas frescas. Felizmente esta visão vem mudando significativamente com o tempo, embora ainda falte muita informação a respeito (LEME, BUSSAB, OTTA, 1989).

Ao analisarmos o momento



histórico que estamos vivenciando e a sua influência sobre a identidade e representação social da profissão, encontramos algumas variáveis como: formação, inserção profissional, psicologia enquanto área de conhecimento e aplicação prática, nos deparamos com uma cultura individualista (narcisista), e que desse modo vem causando impacto no processo de construção da identidade e na expectativa da sociedade sobre o psicólogo (BASTOS, GONDIM, 2010).

Compreende-se que a identidade profissional é marcada por um conjunto de conceitos que se formam na construção da subjetividade em um contexto histórico e cultural, deixando evidências de diferença cultural entre grupos profissionais (BASTOS, GONDIM, 2010).

Os resultados da pesquisa segundo Baró (1996) revelam que a identidade do psicólogo é construída em cima da expectativa que a sociedade deposita neles, ou seja, os psicólogos acreditam ser o que a sociedade espera.

Há necessidade, então, de psicólogos críticos em relação ao caráter histórico e social da profissão, não podendo estar a parte ao social, ou seja, deve se construir uma identidade unificada com o objetivo de todas as áreas de atuação ter

sua devida atenção uma vez que a prática clínica tem maior destaque na construção social da identidade (BARÓ, 1996).

Desde o seu reconhecimento a profissão vem crescendo, ocupando, ganhando espaços e se interiorizando, sendo a região sudeste com o maior número de profissionais inscritos no CRP no ano de 2009. Enfim, a psicologia é reconhecida socialmente e vem ampliando suas áreas de atuação e diluindo limites (BASTOS, GONDIM, 2010).

#### **4) PERFIL DA POPULAÇÃO QUE PROCURA OS CURSOS DE PSICOLOGIA NO BRASIL**

Pesquisas revelam que o rótulo que nos foi imposto de ser uma profissão essencialmente feminina permanecem fortes, embora haja um crescimento do número de homens na profissão.

Não há diferenças perceptíveis quanto ao sexo na preferência pela área, visto que a atividade clínica ainda exerce maior atração para os dois sexos, com uma pequena divergência em favor dos homens nas áreas: acadêmica e do trabalho. Também não pode ser descartada a hipótese de que tal diferença talvez seja devido ao fator remuneração.

<sup>1</sup> Teoria originária do movimento feminista é definida calcada na desnaturalização dos comportamentos e atitudes explicadas pelo sexo, como por exemplo: “homens são violentos porque são homens, e mulheres não tem habilidade para matemática porque são mulheres”. É uma atribuição de sentidos produzida culturalmente e historicamente para as diferenças sexuais; além disso, gênero tem sido considerado pelas estudiosas contemporâneas como uma teoria das relações de poder, tomado como um dos conceitos que possibilita pensar o descentramento dos sujeitos nas sociedades ou organizações ditas pós-modernas.

Além disso, no que diz respeito à área Acadêmica, não deixa de parecer paradoxal a ocorrência de um percentual de mulheres bastante pequeno (1%) em relação aos homens (7%), numa carreira com tal predomínio feminino. É interessante observar que a maioria dos homens ocupa as áreas mais tradicionais – Clínica e Trabalho – enquanto as mulheres, embora numa porcentagem pequena, estão ocupando (exclusivamente) novas áreas, como é o caso Hospitalar. A psicologia enquanto profissão é tomada como de gênero<sup>1</sup> feminino, porque está ligada a conotações de sentidos, tais como sensibilidade e cuidado com o outro, atribuições culturalmente associadas às mulheres. Os homens psicólogos, nesse sentido, exercem uma função de gênero feminino.

Na pesquisa nacional coordenada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1988), o total de psicólogas atingia 86,6% dos profissionais com condições legais para o exercício profissional. Em um levantamento local setorizado (para a área educacional), realizado em 1988 (YAMAMOTO *et al.*, 1990), o total de psicólogas era de 81%.

## DISCUSSÃO

Analisamos que surge a necessidade de profissionais que atendam a demanda da profissão de forma mais satisfatória, aderindo uma

formação indenitária que assegure os direitos da categoria, uma vez que vivemos em um contexto invasivo, de sobrecarga e de desrespeito, refletindo diretamente de forma negativa na sociedade (ARRAES, 2014).

As consequências desse contexto desmotiva os profissionais a atuar no campo de políticas públicas e como resultado investe-se menos na própria capacitação, a causa deste e de muitos problemas está nos direitos trabalhistas enfraquecidos (ARRAES, 2014).

A classe se apresenta neutra em alguns aspectos, solitária, desunida e com um discurso antagônico, prejudicando o desenvolvimento da profissão. Os psicólogos brasileiros precisam se mobilizar e lutar por questões de interesse, ultrapassando os limites do preconceito, repassando a importância da categoria para a sociedade. (ARRAES, 2014).

Verificando o comprometimento do psicólogo com a profissão, nos deparamos com uma carência profissional frente as diversas vertentes que vão surgindo, para isso existe o CFP que deve orientar os profissionais prevenindo deslizes éticos. (ARRAES, 2014).

## CONCLUSÃO

As principais conclusões a serem extraídas desse estudo, refletem sobre a importância da formação profissional no desenvolvimento

das competências e habilidades, respondendo as especificidades necessárias ao exercício da profissão.

No que tange à formação do psicólogo brasileiro, existe uma insatisfação relativa a formação profissional, uma vez que os futuros psicólogos não estão preparados para o exercício de atividades em novas áreas e nem preparados para a produção de conhecimentos vinculados ao cotidiano e à realidade do cliente.

Bastos, Gondim e Peixoto (2010) consideram ainda que quando o psicólogo se vê diante de situações novas de trabalho para as quais não se sente preparado, recorre ao modelo predominante que oferece e serve de referência, sem que avalie criticamente sua adequação para essa nova situação. Então, a ausência de formação é compensada pelo uso de um modelo teórico-metodológico de atuação que, embora seja reconhecido socialmente, não contribui de modo efetivo para o contexto em que se pretende usar (BASTOS; GONDIM; PEIXOTO, 2010).

Considerando que o nosso foco é a cultura profissional do psicólogo, a muito o que se repensar sobre a formação, uma vez que os estudos mostraram uma deficiência no que se refere a capacitação profissional, portanto, o psicólogo deve se atualizar constantemente, tornando-se um agente transformador e crítico em relação ao caráter histórico e social da profissão, sendo assim capaz

de representar satisfatoriamente os profissionais da psicologia e a sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. 2012. **Psicol. Cienc.** Vol. 32, p 44-65.

ARRAES, J. A psicologia brasileira é um problema de quem? Revista Fórum Semanal. 21 mar. 2014. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/139/psicologia-brasileira-e-problema-de-quem/> Acesso em: Abril de 2014.

BARÓ, M. **O papel do psicólogo.** Estudos em Psicologia. 1996.

BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicol. Cienc. prof.** [online]. 1989, vol.9, n.1, pp. 6-15. ISSN 1414-9893.

BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G.; PEIXOTO, L. S. A. Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G. (Org.). **O trabalho do psicólogo no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIMENSTEIN, M. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de Psicologia**, 5 (1), 95-121. 2000.

- ESCH, C. F. , JACÓ, A. M. **A regulamentação da profissão de psicólogo e os currículos de formação** psi. 2001
- LANGENBACH, M., e NEGREIROS, T. C. G. M. (1988). **A formação complementar: um labirinto profissional**. In Conselho Federal de Psicologia, *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: EDICON.
- LEME, M. A. V. S.; BUSSAB, V. S. R. e OTTA, E. Uma Representação Social da Psicologia e do Psicólogo. *Psicol. Cienc.prof.*1989, vol.9, n.1, pp 29-35.
- LISBOA, F.S.; BARBOSA, A. J. G.; **Formação em Psicologia no Brasil: Um Perfil dos Cursos de Graduação. Psicologia Ciência e Profissão**, 2009, 29 (4).
- MOSCOVICI, S; FARR. R. M. **O fenômeno das representações sociais. Representações sociais**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, pp 3-69.
- NETO, J. L. F. **A formação do psicólogo**. Clínica, social e mercado. São Paulo: Escuta, 2004; Belo Horizonte: Fumec/FCH.
- PEREIRA, F. M. ; NETO, A. P. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. 2003. *Psicol. Estud.* Vol. 8, n. 2, p 19-27
- PFROMM NETTO, S. (2007). **Psicologia, psicologias: velhos e novos olhares. Algumas considerações sobre o passado, o presente e o futuro da psicologia como ciência, profissão e ensino**. *Psicologia em Pesquisa*.
- SOARES, A. R. **A Psicologia no Brasil**. 2010. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2010. Vol. 30, n.spe, pp. 8-41.
- SOUZA, L. C. G. **O ensino da psicologia social e suas representações: a formação do saber e o saber em formação**. 2005. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- VASCONCELOS, E. M. 1997. **Desinstitucionalização e interdisciplinaridade em saúde mental. Cadernos do IPUB**, 7, 19-41.
- WEBER, S. **Currículo Mínimo e o Espaço da Pesquisa na Formação do Psicólogo. Psicologia, Ciência e Profissão**, 1985.
- WITTER, G. P.; FERREIRA, A. A. **Formação do psicólogo hoje**. In Conselho Federal de Psicologia, *Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços*. 2005. Campinas, SP: Alínea.
- YAMAMOTO, O. H.; SOUZA, J. A. J.; SILVA, N.; ZANELLI, J. C. **A formação básica, pós-graduada e complementar do psicólogo no Brasil**. In: BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G. (Org.). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.45-65.